



A PONTE NOVA EM PARIS.

A ponte nova foi começada pelo architecto Ducerceau, no reinado de Henrique III, cujo monarcha assentou a primeira pedra. Mas suspenderam-se os trabalhos pelos alborotos da Liga, e não se continuaram até ao tempo de Henrique IV, que costeou as despesas do seu bolsinho particular, encarregando a direcção dos trabalhos ao architecto Marchand, e concluindo-se a ponte no anno de 1604. Compõe-se de duas partes deseguaes que se reúnem ao extremo occidental da ilha da *Cité*, onde se confundem os dois braços do Sena. A parte que cae sobre o braço direito consta de sete arcos circulares, e a do braço esquerdo de cinco, sendo a sua longitude de trezentos e quarenta metros, e a latitude de vinte e seis. Os arcos são esbeltos e elegantes, e sustentam uma cornija esculpida em marmore. No extremo da ilha, na parte cen-

tral da ponte das Artes; está a estatua de bronze de Henrique IV, que foi erigida pela sua viuva Maria de Medicis.

A ponte nova tinha uma bomba ou machina hydraulica que enviava a agua ao Louvre e as Tuilherias; mas foi destruida em 1813. Este monumento era antigamente um ponto de reunião de toda a relé do povo de Paris.

As perseguições no mundo são para os sabios, e não para os tolos.

O Huto, que devia ser a demonstração do sentimento, e saudade, muitas vezes não é mais, que observancia de pragmatica.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

OUTUBRO, 17, 1857.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

I

TORMENTA E REVOLTA.

Em uma quinta feira d'Ascensão, que se contavam treze dias do mez de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, 1649, reuniu-se muito povo na praia de Belem, para ver desaferrar do Tejo o galeão *Enxobregas*, uma das maiores naus do seu tempo, que por effeito de grossas avarias, não seguira para a India com o mais da frota d'esse anno, em 15 d'Abril; mas que, por ser veleiro e seguro, esperavam chegasse a Goa adiante d'aquelles que lhe tomaram a dianteira. A referida armada compunha-se apenas de dois galeões; já não eram aquellas grandes frotas do tempo de D. João III! Por capitania da viagem ia a nau *S. Lourenço*, construida na ribeira de Gôa, a qual se perdeu logo a 3 de Setembro nos baixos de Moxincale, como mui lastimosamente conta o jesuita Antonio Francisco Cardim, que era seu capellão; e por almirante um galeão novo, denominado *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo*, que tambem se perdeu, cinco dias depois, perto das ilhas de Angoxa, no quarto da madorna, com vento em popa, amarras telingadas e vigias na sobrecevideira, como egualmente conta o reverendo padre da companhia de Jesus. Com vento fresco e de feição, ao repontar da maré, desceu airoso o Tejo o nosso galeão *Enxobregas*, levando por seu capitão a Bastião de Moraes, o dos olhos, acanhado da vista mas desembaraçado do pulso. Por piloto ia Pero Dourado, velho navegador da India. Duarte Fernandes era o mestre da nau; e Pantaleão Vaz, o cheira-dinheiro, seu contra-mestre. De passagem levava varios fidalgos, officiaes e soldados, que iam a servir el-rei no ultramar; alguns missionarios da companhia de Jesus, e da ordem do seraphico S. Francisco; e duas senhoras de distincção, uma esposa, outra filha de Ruy da Cunha, provido com a fortaleza de Cananor.

Ao pôr do sol do mesmo dia da saída, já estes navegantes não viam terra da patria; e engolphando-se nas solidões do oceano procuravam o caminho da frondosa ilha da Madeira.

Viagem de rosas tiveram, não só até á altura de Porto Santo, que enxergaram de perto, e da Madeira, que avistaram ao longe, mas além da ilha de Santo Antão, uma das de Cabo-Verde, que marcaram ao cabo da decima oitava singradura.

Depois começaram-lhe a dar as trovoadas de Guiné, e no paralelo da Serra Leôa viu-se o galeão perdido, com os ventos furiosos e descontraídos que o assaltaram, com o mar bravo que se levantava em pyramides, e com os raios

que caíam em roda do navio, fazendo horrivel estrondo, cegando com o brilho dos relampagos, e ameaçando de o incendiar.

Os timoratos já pediam confissão ao capellão da nau, padre Jeronymo da Conceição, e aos demais frades passageiros; porém os homens experimentados nas coizas do mar, trataram de metter dentro, primeiro as gaveas, depois os papafigos, a mezena e a cevadeira; arriaram, como poderam, os mastareos; e, em arvore secca, offerecendo o cadaste á furia do mar, lá foi correndo o galeão a Deus e á ventura, rociado pelas vagas, até que abonançou a tormenta.

Seguiram-se alguns dias de enfadonha calma na *Linha*, e afinal dobrando os Abrolhos, seguiu a nau *Enxobregas*, desviando-se da costa do Brazil, até se internar pelo sul dentro, muito além da latitude do Cabo.

Já um impertinente frio entrava com a maruja, que mal a deixava acudir á manobra, quando o vento virou de feição, para deixar que a nau aproasse ao Cabo da Boa Esperança; visto que o capitão, contra o regimento d'el-rei, queria ir fundear em Moçambique, para fazer veniaga, em vez de seguir as ordens que o mandavam ir por fóra de Madagascar.

Entrava já o mez de Agosto; o galeão fazia alguma agua pelos altos, não coisa de cuidado, é verdade, mas que o embaraçava de puxar com todo o panno; e o piloto questionava com o sota-piloto sobre ter-se passado ou não o Adamastor, quando as mangas de veludo começando a cruzar por sobre os mastareos, vieram dar testemunho de que estavam além do Cabo.

A vista do *Cabo Falso* confirmou no mesmo dia a alegre presumpção dos nautas. N'esse dia houve missa, banquete e dança a bordo.

Mas logo depois, correndo ao longo da costa de Natal, caiu tão dura refrega sobre a nau, e tão subita, que o mastro do traquete, já de si inclinado para vante, parecia querer ir beijar o gurupez; e o conseguira, se a vela se não rasgara em mil pedaços. Os mastros grande e da mezena, que caíam para ré, conforme a construcção do tempo, quasi que se pozeram a prumo; e as respectivas vergas soltaram de si as velas com a violencia da borrasca. O gurupez rendeu, e a verga da cevadeira partiu pela estagadura, ou, como hoje diriamos, pelo terço, se é que ainda ha navio que use de cevadeira!

O padre Jeronymo da Conceição acudiu ao chapiteo da popa, armado de um crucifixo, para exorcismar a tempestade, e os moços de primeira viagem, de involta com os soldados bisonhos, segurando-se ás roupetas dos filhos de Loyola e aos habitos dos franciscanos, clamavam, vós em grita: misericordia! O capitão, que nada entendia de nautica, ouvia os conselhos do piloto e sota-piloto, mestre, contra-mestre e guardião, e até dos marinheiros que sabiam tomar a altura do sol, não achando meio de conciliar os disparatados pareceres d'estes velhos navegadores. E a nau arfando, sem governo, por que os timo-

neiros mal podiam subjugar o leme, apesar das valentes talhas que lhe haviam dado.

A cerração era completa. O *cheira-dinheiro*, meneando um calabre, zurgia de popa á prôa os grumetes que não andavam lestos. Um velho marinheiro que, em 1593, vira de perto a morte no galeão *Santo Alberto*, encalhando no penedo das Fontes, repassava na mente a triste historia d'aquelle naufragio, e os trabalhos que se lhe seguiram, supportados então com a coragem de mancebo imberbe, mas a que o ancião não resistiria agora; e cria já ouvir as pancadas que o galeão estava dando sobre o baixio. O piloto e o sota-piloto eram concordes (coisa rara n'aquelles tempos!) em que a nau de sua magestade estava mais amarada, apesar de não verem o sol havia tres dias, e n'estas paragens correrem as aguas como sangue, segundo a expressão favorita dos marinheiros.

A agua crescia no porão, e começava a invadir a coberta. As bombas, meio entupidas, não lhe davam vasão, apesar de trabalharem sem descanso, tocando a ellas os proprios fidalgos, e mais gente grauda que ia a bordo. Os escravos passavam de continuo gamotes cheios de agua do porão para a tolda, a qual voltava ao oceano d'onde viera.

A situação tornava-se de momento para momento mais assustadora. Não obstante a falta das velas, que poderiam fazer pendor ao navio se fossem largas, o galeão adornou a estibordo, sorvendo um grande mar, com o que augmentou a desordem e terror abordo.

Novos gritos de afflicção eccoaram pelas amuradas do *Enxobregas*; novos brados de misericordia! subiram ao ceo, entre o fulgor dos relampagos, ao estampido dos raios, contra torrentes de chuva, no meio da escuridão da noite.

« Alija! ... alija tudo ao mar! bramou do chapiteo de prôa o mestre Fernandes; e a maruja acudiu immediatamente a executar a ordem de salvação. Foi uma *safa-rascada!* Ricos estofos, trem de artilheria, bahus de senhores, caixas de marinheiros, foram de companhia para o incomensuravel abysmo do oceano; e tal era a pressa, que o capellão do navio lançou por descuido ao mar o seu breviario.

O capitão-mór partiu os oculos, ficando, como dizem os maritimos, a *ver navios*. O piloto, apesar de ser um velho *lobo do mar*, perdeu a tramontana; e se não fôra a coragem stoica dos officiaes de prôa, feito era da nau d'el-rei, que não tornaria a indireitar-se.

Foi Deus servido, porém, guardar estes peccadores para outras tribulações, e não lhes acabar logo ali com a mesquinha existencia. Um jesuita, que ia missionar no Japão, tratou de confessar em publico os que pretendiam a absolvição; e tão grande foi o numero de crimes e erros que os penitentes manifestaram, que começou a clamar: « Este temporal é castigo de Deus contra os reprovados que vão abordo da nau... e os justos pagarão, como se fossem peccadores, pela má companhia em que se acham!

Assim passou esta noite de agonia, sem luzir no tope o esperançoso lume de santelmo. E quando alvoreceu o novo dia, se bem que o mar estivesse mais applacado, e menos furioso o vento, enxergavam-se melhor as avarias da embarcação, e a claridade do sol desenganaram-se de que não estavam em proximidade de terra, pois que a nenhum rumo se avistava.

Então principiou uma scena de outro genero, não promovida já pela natureza, mas pelos homens, e talvez mais horrorosa ainda. Declarou-se a insubordinação nos mosqueteiros que iam a servir na India, e o medo dos perigos do mar arrastou-os a tornarem ainda maiores esses temerosos perigos.

Quando a tempestade já começava a abonancar, e que se podia apresentar ao vento um bolso do traquete, armaram-se alguns soldados, e invadindo o chapiteo da popa, intimaram o capitão da nau para que mandasse arribar sobre a terra.

Debalde o piloto lhes explicava que não tinham pelo travez nenhum porto onde podessem reparar as avarias da viagem, o que só poderiam conseguir em Moçambique, a cujo rumo navegavam; a estúpida soldadesca, coadjuvada por alguns marujos de má-morte, gritava cada vez mais alto: « Vamos para terra... aterra! »

Ruy da Cunha, o capitão de Cananor, pretendeu impor-lhes respeito; mas não o attenderam. Sua esposa, D. Leonor, offereceu-lhes as joias que lhe restavam, depois do alijamento, e nada conseguiu. A joven e formosa filha d'estes conjugos, a encantadora Magdalena, em vão tentou com lagrimas enternecer os sublevados; e baldadas foram tambem as diligencias dos padres, que invocavam o nome do Redemptor... O capitão, e os seus bons homens do mar, seguiram outro caminho.

Bastião de Moraes lançou mão da sua boa espada de Toledo, e atirou-se aos revoltosos, como Santiago a moiros. De cada tutilada fazia um profundo gilvaz, e quando Deus queria uma amputação. Mestre Fernandes, com um velho chanfalho, fazia o que podia. O *cheira-dinheiro* armou-se com um pé de cabra. Pero Dourado servia-se do astrolabio como de um ariete. O sota-piloto arremessava contra os insurgentes as balas que achava pelas chaleiras. Um estrinqueiro atirava ao monte com o polcame que encontrava á mão, tornando em projectis de guerra moitões, cadernaes, polés, sapatas e caçoilos. O condestavel distribuiu á pressa algumas espadas e chuços pela marinbagem; e a revolta foi sufocada em sangue.

Imaginem os leitores que horrivel não seria esta luta, no acanhado ambito de um navio, no isolamento do mar, e em vista dos estragos produzidos pela tormenta! Em vez de louvarem a Deus pela bonança que lhes mandava, estes peccadores endurecidos confundiam o sangue de seus irmãos com as aguas do oceano, e escapa-

dos milagrosamente de um grande perigo, buscavam por suas mãos outro maior!

A golilha e as algemas adornaram os pescoços, mãos e pés dos delinquentes que o ferro poupou na refrega; os mortos foram lançados ao mar com os competentes pelouros amarrados às pernas; e os feridos passaram a habitar nos cetros da enfermaria, entregues ao cuidado de uma especie de licenceado que vinha a bordo.

Livre d'este obstaculo, o capitão-mór, que já havia encontrado outros oculos, chamou o carpinteiro e o calafate para lhes encarregar a faina

de atamancarem o melhor possível o navio, a ver se estancava a agua; ao mestre e contra-mestre recommendou o concerto do velame, e substituição do massame arrebetado e do poleame rendido; e encommendando-se mui devotamente a Nossa Senhora da Nazareth, ordenou ao piloto que soltasse o rumo para a ilha de Moçambique.

Continua.

F. M. BORDALO.

A maioria das nossas necessidades provém dos nossos caprichos e desejos.



PINTURA EM FAIANÇA.

O prato de faiança que representa a nossa estampa, foi pago por 120 libras esterlinas, ou 540\$000 réis, nos leilões feitos em Londres, em Março de 1856, depois da morte d'um celebre amator, Ralph Bernal, squire. Estava inscripto sob o numero 1848 no catalogo dos objectos d'arte que compunham esta magnifica collecção, hoje dispersa.

Executado em Faenza ou Urbino, no principio do seculo XVI, este prato representa o interior da officina d'um dos pintores de faiança cujas obras são tão procuradas hoje. O artista, sentado em uma poltrona, tem na mão um prato que enriquece de elegantes phantasias. Sobre um escabello, á direita, vê-se um vaso e copos sem duvida cheios de tintas; mais adiante, sobre uma mesa baixa, está um jarro e um prato. Dois compradores, um mancebo e uma senhora, estão sentados diante do pintor, cujo trabalho examinam com interesse.

O prato é de bello desenho, de cores notavelmente vivas, e o objecto que representa dos mais interessantes para a historia da arte. O seu diametro é de nove polegadas e um quarto, medida ingleza.

CONFIDENCIAS.

(Fragmento.)

JULIO — AUGUSTO.

Conclusão.

AUGUSTO.

Oh! doce illusão querida!
Oh! formosa idade de ouro
Que vê no amor um thesoiro
E não calcula, não pensa
Nos insoffríveis espinhos
Que mais tarde vem cravar-se
No coração de quem ama!
N'uma idade como a tua
Veiu n'esta alma atear-se
Um incendio como o teu...

JULIO.

Tambem?

AUGUSTO.

Tambem, é verdade.

Eu sei como se insinua
Esse voraz sentimento
Que d'um peito se apodera

Dominando-o sem piedade!
Que a vida torna em delirio
Que n'um cahos de martyrio
Nos sepulta o coração...
Que ora nos dá mil venturas
Ora zelos e torturas...
Que nos desvaira a razão!...

JULIO.

Com que ironica amargura
Me descreves a paixão!...
Amaste muito?

AUGUSTO.

Se amei!...

JULIO.

Foste infeliz, eu já vejo.

AUGUSTO.

Tive um triste desengano,
Soffri muito... mas calei!...
Era muito o meu desejo
Para não vir em meu damno!

JULIO.

Pobre amigo! Imaginava
Que jámais tinhas amado.
Quando alguém diante de ti
Fallava em coisas de amor...
Via-te sempre sorrir...

AUGUSTO.

Era ironia... era dôr!
Esses que dizem que amam
Nos cafés ou nos passeios,
Não fazem mais que mentir
Tanto aos outros como a si.
Mas esses, Julio, que enganam
São quasi sempre os felizes!...

JULIO.

Não pode ser o que dizes.
Pois a mulher não distingue
A mentira da verdade?

AUGUSTO.

Não distingue, não, que a cega
Antes de tudo a vaidade,
Que é, meu Julio, quasi em todas
A sua corda sensível.

JULIO.

Como assim? pois será crível
Que não se encontre nenhuma
Que saiba ter coração?

AUGUSTO.

Entre mil encontra-se uma!

JULIO.

Acho-te injusto de mais.

AUGUSTO.

Não sou tal... conheço o mundo
E os seus costumes banaes.

As culpadas não são ellas
A maior parte das vezes;
São os homens que as illudem
Com mentidas phrases bellas
Nos romances estudadas...

Dépois, ellas enganadas,
Vão enganar por vingança
Destruindo muita erença,
Muita nobre inspiração...

E o puro amor á nascença
Trocamos logo em decepção!
Como tu, tambem fui crente,
Tambem sonhei... acordado,
Como tu... mais imprudente...
Fiz um mundo d'um affecto,
D'elle um eden encantado,
Onde encerrava, discreto,
As minhas esp'ranças todas
E a minha existencia inteira!
D'aquelle amor fiz um culto
Fiz da minha alma um sacrario,
E, velando o santuario,
Desvelado lhe puzera
O respeito e o mysterio.
Como tu tambem dizia,
Quando um vago pensamento
Me toldava o ceo de amor:
«Se me enganasse... eu morria!»

JULIO.

E enganou-te?

AUGUSTO.

E vês-me vivo!...

Ninguém morre d'uma dôr
Quando resiste ao momento
Em que o golpe se recebe...
A chaga é viva e profunda,
Doe... se doe! turba os sentidos,
Corpo e espirito embrutece;
Mas são remedio infallivel,
São um optimo cauterio
Os desenganos colhidos.
Depois... O tempo a final
Vem fechar a frida aberta...
Mas não lhe apaga os vestigios
Mas não lhe tira o signal...
E, onde era o coração,
Fica a duvida sómente,
Que do amor, a lava ardente
Destroe tudo quanto encontra,
Quanto d'antes nos sorria...
E resume-se a existencia
N'uma perpetua ironia...
Algumas vezes porém
Nas horas mortas da noite
Só por só co' o pensamento
A phantasia nos vem
A lembrança do passado
Em que tanto nós gosámos...
Em que tanto padecemos...
E a falta então deploramos.
De tudo quanto perdemos
N'aquelle engano fatal!...
E sente-se uma saudade
Tão profunda, tão sentida
D'essa epoca da vida
Tão povoada d'illusões,
Em que o bem vencia o mal!...

JULIO.

E, n'essas horas, não pensas
Que inda possas encontrar
Quem te avive as sensações
Dando-te alma para amar,

Quem te faça a crença antiga
D'essas cinzas renascer?

AUGUSTO.

Penso... Deus sabe se penso!

JULIO.

Pois então porque não buscas
Sair d'essa prostração?

AUGUSTO.

Ah! porque?... porque não posso...

Porque duvido de tudo,

Que foi severa a lição.

Se acaso pudesse haver

Uma mulher que dissesse:

«Amo-te muito!... sou tua!...»

Que as leis do mundo esquecesse,

E, affrontando a sociedade

E os seus justos prejuizos,

Me offertasse a castidade

Dizendo: «não me acreditas...»

Não crês ainda em tal paixão?...»

Assim mesmo duvidara

E respondera-lhe: «não!»

.....
MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CRISTO.

Continuação.

O seculo XII offerece na França novas scenas de infortunios para o povo judeu. Philippe Augusto foi para elles um flagello. No meio dos seus embaraços pecunarios, appellou para um genero de recursos minuiamente estranho, mas inteiramente nos costumes e idéas do seu seculo. Havia muito tempo que os judeus habitavam o territorio feudal da França. Disseminados pelas cidades e campos tinham-se apossado de todas as industrias, e senhores das transacções commerciaes, haviam adquirido incalculaveis riquezas. Era então coisa mui curiosa a existencia de um judeu n'um senhorio, ou mesmo n'uma communa burgueza. Havia uma portagem, uma percepção de direitos, de impostos, de renditos? era o judeu, quasi sempre, que os arrendava. Queriam fazer um emprestimo, comprar alguns pequenos objectos de luxo? era ainda o judeu que iam procurar. Elle recebia, em penhor, em sua casa, arredada de todas as outras habitações, o calice da igreja, os ornamentos do barão, o carbunculo que o cavalleiro tinha trazido da Palestina, a charrua do lavrador. O barão que o encontrava no caminho, caspia-lhe na cara, chamava-lhe *cão infiel*, mas no dia seguinte ia-lhe empenhar o feudo, ou o seu cavallo de batalha. Em quasi todas as cidades estavam os judeus submettidos aos costumes, não só mais extravagantes, mas também mais humilhantes. Em Toulouse deviam receber na sexta-feira santa uma bofetada; em Beziers montavam em cima d'elles uma vez no anno; nos estados do conde de Blois submetteram-n'os, como os porcos, a uma

commum portagem; n'uma palavra, por toda a parte despresados, mas precisando d'elles por toda a parte. Quando haviam adquirido muitas riquezas, despojavam-n'os, e expulsavam-n'os. Mas a grosseira prodigalidade dos barões não podia por longo tempo privar-se dos recursos que facilmente lhes offerecia o judeu da visinhança; e tornavam então a chamal-os, por meio de resgate, para recommencarem o trafico, e serem por seu turno expulsos outra vez.

«N'este tempo do bom rei Philippe habitavam judeus em Paris e por toda a parte em grandissima multidão. Os mais sabios, e os maiores na lei de Moyses, tinham vindo ao paiz da França e principalmente a Paris. Na cidade habitaram tanto tempo, enriqueceram-se tanto, que compraram quasi metade de Paris. Tinham meirinhos, e procuradores, que viviam comsigo, em suas casas, e que faziam judaisar. Tratavam vilmente os ornamentos das igrejas que pela necessidade do povo lhes empenhavam, como patenas d'ouro e calices, capas d'asperges, casulas, e muitos outros ornamentos. Conservavam-se em tamanho odio á santa igreja, que faziam sopas de vinho nos calices, para seus filhos pequenos. Em Paris havia muitos ornamentos d'altar, como cruces d'ouro e pedras preciosas; mas todas estas coisas as tinham em montão em suas casas, sem respeito á sua santidade.» (1)

Os rumores populares espalhavam também a opinião de que os judeus, cheios de odio e crueldade contra os christãos, immolavam em certas epochas do anno, e particularmente na sua paschoa, creanças, que punham n'uma cruz, e atravessavam com uma lança em commemoração da paixão de Christo. Algumas pinturas, quasi contemporaneas, representavam uma d'estas reuniões mysteriosas. Os rabbinos com a specto horrivel rasgam com pequenas facas o seio da victima, e recolhem o sangue em vasos, junto dos quaes jazem amontoados os corpos das creanças.

De qualquer modo que julgemos hoje estas prevaricações da multidão, não é menos verdadeiro que a expulsão d'uma classe de homens, objecto do odio geral, tinha em si mesma alguma coisa de popular, e podia felizmente começar o reinado do senhor do feudo. Entregar aos subditos as obrigações que haviam subscripto, e os penhores que tinham confiado aos judeus, era insinuar-se na mais viva paixão do coração humano, a cubica. «Os burguezes, os cavalleiros, e os paizanos eram em tamanho empenho para com os judeus, pelos grandes dinheiros que lhes deviam, que os hebreus tomavam a uns os moveis, e os vendiam para se pagarem, retendo outros devedores como captivos e fianças em suas casas.» (2)

Já mui disposto a seguir os avidos conselhos que lhe davam contra os judeus, foi o rei consultar o irmão Bernardo, solitario de Vincennes,

(1) Chronique de Saint-Denis, an 1311.

(2) Ibid.

personagem mysteriosa, que apparecia em todas as grandes circumstancias, para dirigir Philippe Augusto e governar a sua politica. Bernardo tinha escolhido um retiro, não longe do parque de Vincennes, na vasta floresta de Saint-Mandé, aonde levava vida de anacoreta. Considerava-o o rei como um d'estes santos personagens em perpetua communicação com o ceo. A simplicidade grosseira de seus vestidos, seus jejuns, suas macerações, lhe haviam attrahido o respeito da multidão, e na visinhança eccoava o clamor de seus milagres. — «Irmão, lhe diz o rei, que me aconselhas a respeito d'estes incredulos, para proveito da igreja, e dos pobres christãos?» — «Senhor rei, eu te aconselho o tirar-lhes, e entregar aos christãos do teu reino, tudo o que estes devem aos judeus. Expulsa-os do bello paiz da França, e retém para ti a quinta parte dos seus teres.» — Philippe disse então aos seus barões — «Creio que o irmão Bernardo tem razão» — e como os barões lhe responderam — «Senhor, faze o que quizeres» — promulgou uma ordenança pela qual prescreveu aos judeus deixarem o reino da França antes da festa de S. João Baptista. Permittia-lhes que vendessem seus moveis, mas retinha para o fisco todas as casas ou propriedades que tivessem adquirido, seus feudos, seus campos e vinhas, suas granjas e lagares. Ao mesmo tempo como lh'o aconselhara o irmão Bernardo, absolvia todos os seus subditos das dividas por elles subscriptas em proveito dos judeus. (1)

Logo que os judeus souberam d'este edito foram tomados de stupor. «Vão ao encontro dos prelados e barões, e promettem-lhes boa somma de dinheiro, se elles puderem obter do rei a sua persistencia.» Os barões propõem-se solicitar a revogação das ordens do soberano, mas Philippe foi inflexivel. «Quando os judeus viram que os prelados eram despedidos por Philippe, em quanto os outros reis tinham costume de se inclinarem facilmente á sua vontade, foram maravilhosamente pasmados e espavoridos: começaram a gritar *Scema Israel*, que quer dizer em hebreu *que Deus nós ouça*. Quando viram que não podia ser d'outra maneira, e que o termo em que deviam evacuar a França se aproximava, começaram a vender seus moveis e alfayas em maravilhosa hasta.» (2)

Philippe Augusto não se contentou com esta expulsão: fez prender no mesmo dia todos os israelitas reunidos na synagoga. «Despojou-os do seu ouro, e de seus vestidos, como em outro tempo os hebreus tinham feito aos egypcios, e lhes prescreveu resgatarem-se por dez mil marcos de prata. É n'esta epoca que se diz que os judeus sempre industriosos, inventaram a letra de cambio, para salvar do naufragio alguns restos da fortuna. Com effeito enviaram parte do seu ouro e da sua prata á Italia e á Alemanha,

por meio d'estas letras de credito. Depois evacuaram o reino no termo prescripto, levando suas mulheres e creanças, e todo o seu trato domestico. Quando assim foram partidos, e a França foi evacuada por uma tal plebe, o bom rei ordenou que as synagogas dos judeus, aonde elles costumavam juntar-se, fossem limpas.»

A maior parte d'estas synagogas foram convertidas em igrejas. (1) O rei deu a d'Etampes aos clerigos da igreja, para n'ella cantarem as horas e viverem em cozeias. (2) Muitas casas foram concedidas ao arcebispo de Paris, assim como ao clero d'Orléans.

Comtudo nem todos os barões seguiam o exemplo do rei. «Havia em Brie um castello chamado Bray, e n'este mesmo territorio a condessa de Brie tinha muitos judeus. Ora succedeu que um certo paizano, confessor da nossa fé, devia aos judeus um grande numero de sous, e como elle não lhe satisfizesse sua divida, a condessa lhes abandonou este infeliz para o punirem a sua vontade, entregando assim com a levandade de uma mulher um membro da igreja de Christo, a seus inimigos. Este homem entregue á vingança dos judeus foi por elles despido todo, nú, pozeram-lhe na cabeça uma corôa d'espinhos e o conduziram de povoação em povoação, até que elevando-o n'uma cruz lhe atravessaram o lado com uma lança. Bem depressa esta triste nova se espalhou nos campos. O rei possuiu-se de uma grande colera contra a condessa de Brie; caminhou rapidamente sobre suas terras, e quantos judeus deparou (mais de 80) tantos fez entregar ás chammas.» (3)

Depois d'isto quem não dirá que é com grande justiça que o distincto historiador M. Copefigue, classifica estes procedimentos de Philippe Augusto *actos de violento fanatismo*, que o edito de 1198, revogando o outro porque os banira, não basta a desculpar?

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Conclusão.

CIV.

De como do Faial veio preso um Pedro Antão, por ser muito do serviço do sr. D. Antonio, e do que lhe fizeram.

Nesta cidade havia um homem chamado Pedro Antão, grande official de fazer retabulos, imagens, e outras obras de preço. Foi-se viver ao Faial, e estando lá moveram-se as alterações do sr. D. Antonio. Metteu-se elle em seu serviço

(1) Alberic moine des Trois-Foillaines, an. 1182.

(2) Chronica de S. Diniz, an. 1182.

(1) Ex chartulariis archiepiscop. Parisiens., Dubois, t. II, pag. 143.

(2) Fleuriau, Antiq. d'Etampes, pag. 380.

(3) Philépeidos, de Guillaume le Breton, canto I.

o mais que pôde; e estando aqui Manuel da Silva veio cá com seus instrumentos tirados. Botou-lhe elle o habito d'Aviz, e o tornou a enviar para o Faial. Ficaram lá alguns invejosos de lhe verem o habito, e sempre lha tiveram té á entrada da terra; e n'este tempo o accusaram e prenderam. Quando elle se viu preso, fez petição ao corregedor o mandasse cá vir com as culpas. Mandou o corregedor que sim. Veio preso á cadeia desta cidade de Angra; poz-se em livramento; deu sua defeza; sentenciaram-no, que fosse pelas ruas publicas com baraço e pregão, e degradado por cinco annos para os logares de Africa. Appellou: não lhe receberam appellação nem agravo, antes em um dia pela manhã o mandaram ir com baraço e pregão pelas ruas publicas, e o fizeram embarcar a cumprir o degredo, e lá no reino teve perdão. E destes homens muitos julgaram desta maneira; e assim iam com tudo ao cabo; e em casos de morte sem appellação nem agravo.

CV

Do que aconteceu a um Francisco Fernandes que foi na armada do Marquez, e logo se tornou a vir.

Dos homens que foram desterrados, por serem muito do serviço do sr. D. Antonio, foi um Francisco Fernandes, carpinteiro, o qual por se achar doente em Lisboa se tornou a vir, cuidando que não fazia nada, e se veio sem licença. Tanto que foram sabedores, que elle estava no porto desta cidade, do navio o foram tirar, e o metteram na cadeia, e logo o sentenciaram que o enforcassem, e juntamente o mestre e piloto flamengos do navio que trazia o dinheiro. E assim sentenciaram um homem que se chamava o *peralcocheiro*, que vivia na ilha Graciosa, por fallar pelo sr. D. Antonio. Todos quatro mandaram confessar, e os mandaram juntos enforcar na forca da cidade, que é no monte do Brasil, e todos juntamente foram levados, e os deixaram estar um dia, e ao outro os tiraram e enterraram. Este Francisco Fernandes e o *peralcocheiro*, eram casados nesta cidade, e tinham mulheres e filhos. E houve muitos rogos de religiosos, e de muitas pessoas de respeito; mas nada lhes valeo, nem lhe quizeram receber appellação nem agravo.

CVI

De como prenderam a Balthazar Gonçalves d'Antona, João Gonçalves Correa, e um Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, da Villa da Praia.

Balthazar Gonçalves d'Antona era um homem nobre, cidadão desta cidade. João Gonçalves Correa era letrado e um dos desembargadores, e tinha servido de corregedor. E Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, eram capitães de gente da villa da Praia. E o sobredito Balthazar Gonçalves de Antona era o capitão da fortaleza

de Santo Antonio. Estes homens se tinham apresentado por terceiras pessoas dentro nos tres dias, uns por estarem doentes, outros por sairem feridos na batalha, e não poderem vir por seu pé, nem a cavallo. E tinham disso suas certidões. Como elles tinham inimigos, que eram os que tinham vindo na armada naturaes da ilha, e outros a quem tinham aggravado com os cargos, os accusaram que se não vieram apresentar. Foram logo presos e trazidos á cadeia. Vieram com libellos contra elles; deram sua defeza, e bem d'espaco; e vieram com suas contradittas ás testemunhas, que lhes não foram recebidas, dizendo, que era sobre caso de lesa-magestade. Vieram a dar sentenças os adjunctos: Balthazar Gonçalves de Antona, e o licenciado João Gonçalves Correa, dez annos para Africa; e es dois Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, cinco annos cada um para galés. Appellaram elles das sentenças, que cuido que tambem foram condemnados em dinheiro. Não lhes receberam appellação, antes o mestre de campo se tomava muito, quando diziam que appellavam. Pediram instrumento de agravo: mandaram que papel nenhum lhes dessem; e os fizeram embarcar com muita pressa, e em chegando a Lisboa com cartas de guia foram logo mettidos no Limoeiro. Fizeram petição sobre o que era passado: mandou-se logo, que sendo assim como elles diziam em sua petição, que lhes recebessem appellação. Veio cá notificação aos bachareis Roque Dias, e Jorge Vaz Paes, e Heitor Coronel, e o corregedor, e Antonio Francisco, e Alvaro Pereira. Todos diziam que notificassem primeiro a João d'Orbina. Notificaram-no, e elle, como que lhe dessem alguma bombardada, vai-se a pelejar com os adjunctos, que deram os votos que não morressem, que eram uns Antonistas, porque se os enforcaram não viera aquillo: que não tinha de ver com os desembargadores; que havia vir assignado por sua magestade; que não havia receber appellação. Os que requeriam pediam ao escrivão lhes desse seu papel com as notificações; e o escrivão que era Luiz Mourato não queria. Elle já tirava instrumento de denegação: os adjunctos andavam com rogos com o mestre de campo pelo não aggravarem; e o que requeria a cada canto testemunhava com a gente. De maneira, que vieram a acabar com o mestre de campo, que lhes receberam appellação, e lhes deram os autos, e foram ao desembargo, e saíram todos soltos e livres; e os adjunctos, corregedor, e mestre de campo, dizem que muito reprehendidos. E d'alli por diante deram appellação e agravo na forma da Ordenação; e o corregedor, e não houve mais adjunctos.

Christo será com todos.

Aqui acaba esta RELAÇÃO.

Os impostos representam o mel da sociedade, fabricado pelas abelhas, e algumas vezes comido pelos zangãos.